

TERAPIA OCUPACIONAL, ESCOLA, ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDES

Um panorama do campo de
conhecimento científico

Patrícia Leme de Oliveira Borba
Joana Rostirolla Batista de Souza
Beatriz Prado Pereira
Roseli Esquerdo Lopes

“DE ONDE PARTIMOS”: INTRODUÇÃO E BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos parte dos resultados obtidos em um longo caminho de estudos desenvolvidos no período de 2016 a 2020 por membros da linha de pesquisa “Terapia Ocupacional, Escola e Inclusão Radical”, do “Grupo de Pesquisa Cidadania, Ação Social, Educação e Terapia Ocupacional”, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).¹

As atividades foram realizadas no escopo de um projeto temático de pesquisa intitulado “Educação, Inclusão Escolar e Terapia Ocupacional: perspectivas e produções de terapeutas ocupacionais em relação à escola”,² do qual decorreram cinco subprojetos de pesquisa, sendo quatro deles do nível de doutorado³ e um de pós-doutorado.⁴ Todos se dedicaram igualmente às temáticas concernentes à terapia ocupacional e à escola e em três deles somou-se a discussão sobre as juventudes.

1 Lopes *et al.* (2019).

2 Id. *ibid.* Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Processo n. 434490/2018-0; Apoios: CNPq, Processo n. 311017/2016-9 e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Processo n. 88881.361541/2019-01 e Processo n. 23112.000576/2019-23.

3 Pereira (2018), Pan (2019), Farias (2021) e Souza (2021).

4 Borba (2020).

De modo geral, os integrantes dessa equipe de pesquisa estavam imbuídos da tarefa de identificar as lacunas e as sobreposições existentes no campo da terapia ocupacional quando correlacionado à escola. Ademais, intencionavam identificar, a partir de um mapeamento, interlocutores nacionais e estrangeiros também dedicados ao campo das juventudes e, mais detidamente, à juventude em situação de vulnerabilidade social.

Apesar de datarmos o ano de 2016 como o início dos investimentos em torno da sistematização das contribuições dos terapeutas ocupacionais *na* e *para* a escola, é importante pontuar que esse movimento é fruto de um percurso anterior e parte do interesse de um grupo de professoras, pesquisadoras e terapeutas ocupacionais brasileiras que formam a Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social. Nos seus 22 anos de existência, tais profissionais delinearam e divulgaram o arcabouço teórico-metodológico da terapia ocupacional social⁵ por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão universitária.

Desde o seu início, o Núcleo Metuia da UFSCar levou proposições para a escola pública com interesse específico pelo público jovem urbano e pobre e com acúmulo de produção científica nesse tópico.⁶ Assim, a escola passou a ganhar centralidade nas propostas interventivas do núcleo, pois é nela que encontramos (ou deveríamos encontrar) os jovens,⁷ sendo uma instância estratégica para promover e para ampliar projetos e possibilidades para a vida.

No que se refere especificamente ao mapeamento da produção passível de recuperação em bases de dados internacionais e que se voltavam à correlação ‘terapia ocupacional’ e ‘escola/educação’, parte dos resultados obtidos na primeira fase da pesquisa foi divulgada nos artigos *Occupational therapy research in schools: a mapping review*⁸ e *Caminhos históricos da regulamentação dos school-based occupational therapists nos Estados Unidos da América*.⁹ No presente capítulo, a intenção é apresentar e discutir os resultados obtidos quanto à interlocução entre as temáticas ‘jovens’, ‘escola/educação’ e ‘terapia ocupacional’.

5 Barros, Ghirardi e Lopes (1999, 2002), Barros, Lopes e Galheigo (2007), Barros *et al.* (2011) e Lopes e Malfitano (2016).

6 Pan e Lopes (2020).

7 Lopes e Silva (2007).

8 Borba *et al.* (2020).

9 Souza, Borba e Lopes (2020).

Este foco, além de integrar a nossa trajetória acadêmica dedicada às juventudes, como já mencionado, é decorrente, também, do nosso incômodo ao observarmos a prevalência de proposições terapêutico-ocupacionais nas escolas, tanto em termos de pesquisas como de práticas, estarem voltadas majoritariamente às crianças com deficiência e/ou com transtornos globais do desenvolvimento, em abordagens individuais.¹⁰ De modo bastante minoritário se fez notar a preocupação em torno da elaboração de propostas dedicadas a jovens e/ou adolescentes, seja com deficiência ou não.

Outro aspecto que nos move em direção ao aprofundamento do que vem sendo proposto pela terapia ocupacional quando voltada às adolescências/juventudes diz respeito aos números vexatórios publicados recentemente pelo relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO,¹¹ que reafirmam as inúmeras dificuldades que os jovens ainda encontram para acessar e para permanecer no sistema educacional em todo o mundo e, em particular, nos países ditos “pobres”.

De acordo com esse relatório, são 62 milhões de adolescentes do ensino secundário (entre 12 e 14 anos) e 138 milhões de jovens do ensino médio (entre 15 e 17 anos) fora da escola em todo o mundo. Um dado também relevante é aquele que pontua que, em geral, um jovem tem quatro vezes mais chance de estar fora da escola no ensino médio do que uma criança, no que tange ao ensino primário, e duas vezes mais chance do que um adolescente, no caso do ensino secundário.¹²

Para Ferreira Junior e Bittar,¹³ o acesso à educação ou à escola é somente parte do ideal que se concebe em relação à sua universalização, e, infelizmente, esse tem sido o único foco em muitos países; ao lado do acesso, em mesma medida, precisam ser pautadas a permanência e a aprendizagem efetiva.

No que se refere à composição de estruturas demográficas, países “ricos” e “pobres” têm configurações distintas quanto à presença do público infanto-juvenil na universalização do ensino escolar. Países “pobres” têm uma maior participação de crianças, que vai se perdendo à medida que avançam na faixa etária, o que se vincula fortemente às condições socioeconômicas de suas famílias. Ou seja, o direito à educação

10 Pereira (2018) e Borba *et al.* (2020).

11 UNESCO (2018).

12 *Idem.*

13 Ferreira Junior e Bittar (2006).

tem sido violado para o público juvenil, principalmente nos países “pobres”, mas não somente, haja vista que essa iniquidade social também está presente em países “ricos”, em uma escala minorada.¹⁴

Uma vez violado o direito à educação, são criados mais empecilhos para que os jovens consigam romper com os ciclos que envolvem a pobreza e para que possam redefinir um lugar social historicamente predeterminado. Quanto menos possibilidades de escolhas, menores serão as oportunidades de participação social e, consequentemente, maiores serão as desigualdades e as injustiças sociais.

Cientes desse contexto geral, nosso intuito na realização da segunda fase daquela pesquisa foi reunir e conhecer, em um recorte acadêmico, as proposições que têm sido desenvolvidas pelos terapeutas ocupacionais nas escolas de modo a contribuir para o acesso, para a permanência e para a qualidade de aprendizagem voltadas ao público juvenil. São os resultados e as análises dessa pesquisa que trazemos neste capítulo.

“CAMINHOS TRAÇADOS”: O MÉTODO E OS PROCEDIMENTOS

A pesquisa por nós empreendida consistiu em uma revisão de mapeamento¹⁵ que abrangeu o período de 1979 a 2020, reunindo 1.821 publicações encontradas pelos termos de busca “‘occupational therapy’ AND ‘school’” (e seus derivados) nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science*, e possibilitou uma descrição do campo de conhecimento.¹⁶ Um primeiro levantamento foi feito entre dezembro de 2018 e janeiro de 2019, tendo sido atualizado em janeiro de 2020.

A partir da leitura dos títulos, dos resumos e das palavras-chave, foram incluídas no estudo as publicações que abordavam a terapia ocupacional e a escola como foco de atenção dos terapeutas ocupacionais, resultando em 235 textos que foram organizados e categorizados em uma planilha produzida pelo programa Microsoft Excel®.

Desses resultados, foram excluídas as publicações: que não apresentavam resumo; que não tinham ou não abordavam ‘escola’ ou ‘educação’ ou ‘terapia ocupacional’ (e correlatos, como ‘terapeutas ocupa-

14 UNESCO ([2018] 2021).

15 Gough (2007).

16 Grant e Booth (2009).

cionais’ ou ‘terapêutico-ocupacional’) no resumo, nas palavras-chaves ou no título; que utilizavam a escola apenas como um local de coleta de dados de pesquisas específicas; que se referiam à escola somente para atingir a população-alvo (crianças e adolescentes em idade escolar, por exemplo) para participação em estudos e em pesquisas sem, no entanto, apontar aspecto da terapia ocupacional nesse espaço; que apresentavam a escola como um cenário, um contexto ou um local importante para o cotidiano das crianças, sem pontuá-la como um local de atenção e de atuação para os terapeutas ocupacionais; que utilizavam o termo “school” para se referir aos programas de formação em terapia ocupacional ou em alguma outra profissão, abordando questões da formação profissional específica; que não eram classificados como artigo em periódico (como capítulos de livros, editoriais, notas). Além disso, as publicações presentes nas duas bases de dados foram consideradas uma única vez. Como resultado dessa etapa, 235 textos foram incluídos e reunidos em um banco de dados denominado “Terapia Ocupacional e Escola”.¹⁷

Em seguida, selecionamos desse banco os artigos que articulavam terapia ocupacional, escola e adolescência/juventude como foco de atenção dos terapeutas ocupacionais, resultando em 47 textos. Desse conjunto foi excluído apenas um, pela impossibilidade de se obter o texto completo em língua inglesa,¹⁸ restando 46 textos lidos na íntegra e reorganizados em nova planilha, formando a base de dados específica intitulada “Terapia Ocupacional, Escola e Juventude”.

Após a seleção, os dados foram adicionados à planilha, registrando-se as seguintes categorias gerais: *tipo de publicação*: 1. artigos de pesquisa, 2. relatos de práticas, 3. ensaios reflexivos e 4. revisões de literatura; *título do artigo*; *autores*; *país da instituição à qual está vinculado o primeiro autor*; *ano de publicação*; *nome e país do periódico*; *temática central*; *modo como nomeia o público* (adolescente/jovem/estudante).

Foi realizada uma análise bibliométrica desses dados com auxílio das ferramentas de filtro, de contagem e de criação de gráficos do Microsoft Excel®, tornando possível a visualização de um panorama geral da produção de conhecimento a respeito da temática em questão. A bibliometria é uma técnica utilizada para a medição dos índices de

17 Borba et al. (2020).

18 Trata-se do artigo “Back to school? Occupational therapy in a project for school truants and dropouts”, de Kämpfer (2010), cujo texto completo estava disponível apenas no idioma alemão.

produção e de disseminação do conhecimento científico, sendo recomendado o seu uso associado a técnicas de análise compreensivas, ou seja, não puramente quantitativas.¹⁹

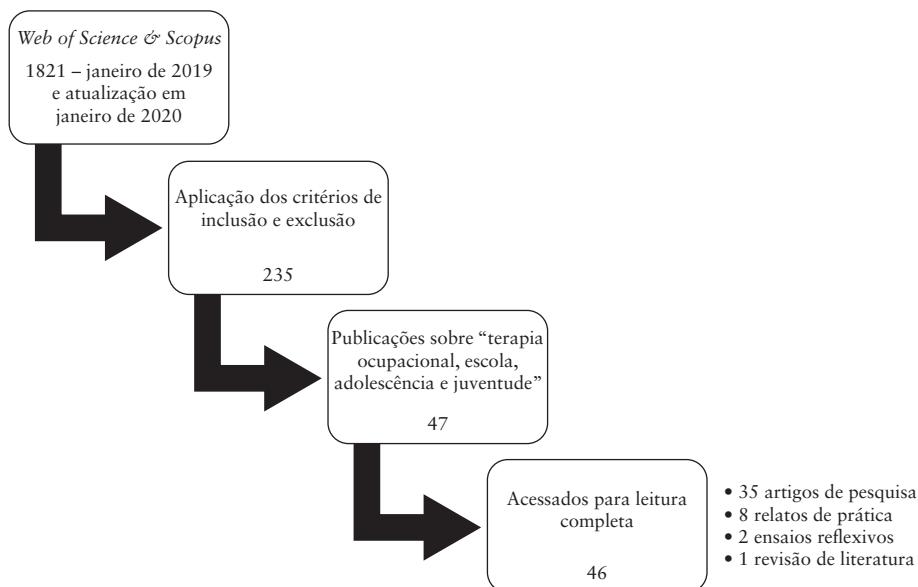


Figura 1.1 Fluxograma do caminho metodológico da pesquisa.

Fonte: *Scopus* e *Web of Science*, janeiro de 2020.

“DESENHANDO CAMINHOS PARA POSSÍVEIS ENCONTROS”

“ONDE CHEGAMOS”

No que se refere à categorização das 46 publicações que se voltaram ao público específico de adolescentes e de jovens relacionadas no Quadro 1.1, tem-se que 35 artigos são de pesquisa, oito são relatos de práticas ou descrições de modelos interventivos, dois são ensaios reflexivos e um traz uma revisão de literatura.

¹⁹ Araújo ([2006] 2021).

Quadro 1.1 Artigos sobre Terapia Ocupacional, Escola e Juventude.

	Título	Periódico	Ano	Autoras(es)
1	Violence prevention in the schools: implications for occupational therapy	<i>Work</i>	2001	Robbins, J. E.
2	Occupational therapy in transitioning adolescents to post-secondary activities	<i>American Journal of Occupational Therapy</i>	2003	Spencer, J. E.; Emery, L. J.; Schneck, C. M.
3	The role of the school-based occupational therapist in secondary education transition planning: a pilot survey study	<i>American Journal of Occupational Therapy</i>	2005	Kardos, M.; White, B. P.
4	Evaluation options for secondary transition planning	<i>American Journal of Occupational Therapy</i>	2006	Kardos, M. R.; White, B. P.
5	Hidden in plain sight: Working with students with emotional disturbance in the schools	<i>Occupational Therapy Practice</i>	2007	Chandler, B. E.
6	Supported education for adults and adolescents with psychiatric disabilities: Occupational therapy's role	<i>Occupational Therapy Practice</i>	2007	Gutman, S. A.; Schindler, V. P.
7	Effectiveness of disc 'O' sit cushions on attention to task in second-grade students with attention difficulties	<i>American Journal of Occupational Therapy</i>	2008	Pfeiffer, B.; Henry, A.; Miller, S.; Witherell, S.
8	The role of occupational therapy in transitions throughout the lifespan	<i>Occupational Therapy Practice</i>	2010	Gibson, R. W.; Nochajski, S. M.; Scheffkind, S.; Myers, C. T.; Marshal, J. S. A.
9	As students become adults: The role of occupational therapy in the transition process	<i>Journal of Occupational Therapy, Schools, & Early Intervention</i>	2010	Juan, H. G.; Swineth, Y.
10	Occupational therapists' beliefs and involvement with secondary transition planning	<i>Physical & Occupational Therapy in Pediatrics</i>	2011	Mankey, T. A.
11	A qualitative study of occupational therapy's role in adolescent transition in a midwestern coalition of many school districts	<i>Journal of Occupational Therapy, Schools, & Early Intervention</i>	2011	Gangl, C.; Neufeld, P. S.; Berg, C.
12	A first-person exploration of the experience of academic reintegration after first episode psychosis	<i>International Journal of Psychosocial Rehabilitation</i>	2011	Zafran, H.; Tallant, B. K.; Gélinas, I.
13	Development and evaluation of an occupational therapy program for refugee high school students	<i>Australian Occupational Therapy Journal</i>	2011	Copley, J.; Turpin, M.; Gordon, S.; McLaren, C.
14	Oficinas de atividades com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional	<i>Interface: Comunicação, Saúde e Educação</i>	2011	Lopes, R. E.; Borba, P. L. O.; Trajber, N. K. A.; Silva, C. R.; Cuel, B. T.
15	National Behaviour Support Service and occupational therapy in school: An Irish experience	<i>International Perspectives on Inclusive Education</i>	2012	Mac Cobb, S.
16	Expressão livre de jovens por meio do fanzine: recurso para a terapia ocupacional social	<i>Saúde e Sociedade</i>	2013	Lopes, R. E.; Borba, P. L. O.; Monzeli, G. A.

Quadro 1.1 Continuação...

	Título	Periódico	Ano	Autoras(es)
17	Intercultural partnering for the benefit of South Africa township high school students	<i>Occupational Therapy International</i>	2014	Davis, J.; Dodge, E.; Welderufael, M.
18	Occupational justice, school connectedness, and high school dropout: The role of occupational therapy in meeting the needs of an underserved population	<i>Journal of Occupational Therapy, Schools, & Early Intervention</i>	2014	Marczuk, O.; Taff, S. D.; Berg, C.
19	Career counselling at school for placement in sheltered workshops?	<i>British Journal of Learning Disabilities</i>	2012	Fasching, H.
20	Language, discrimination and disability in the school setting of Magellan education: A human rights-based approach from occupational therapy	<i>Magallania</i>	2016	Yupanqui, A. C.; González, B. M. A.; Llancahuén, V. M.; Quilodrán, O. W.; Toledo, A. C.
21	An occupational therapy and teaching partnership: Applying a scholarship practice model	<i>Occupational Therapy in Health Care</i>	2017	Fitzgerald, B.; MacCobb, S.
22	Occupational therapy interventions for adolescents with autism spectrum disorder	<i>American Journal of Occupational Therapy</i>	2017	Tomchek, S.; Koenig, K. P.; Arbesman, M.; Lieberman, D.
23	Enhancing classroom participation of students with intellectual and developmental disabilities	<i>Canadian Journal of Occupational Therapy</i>	2017	Selanikyo, E.; Yalon-Chamovitz, S.; Weintraub, N.
24	Characteristics of students receiving occupational therapy services in transition and factors related to postsecondary success	<i>American Journal of Occupational Therapy</i>	2017	Eismann, M. M.; Weisshaar, R.; Capretta, C.; Cleary, D. S.; Kirby, A. V.; Persch, A. C.
25	What support of young presenting a first psychotic episode, when schooling is being challenged?	<i>L'Encéphale</i>	2017	Vacheron, M.-N.; Veyrat-Masson, H.; Wehbe, E.,
26	Pilot of the BOOST-A™: An online transition planning program for adolescents with autism	<i>Australian Occupational Therapy Journal</i>	2017	Hatfield, M.; Murray, N.; Ciccarelli, M.; Falkmer, T.; Falkmer, M.
27	Encontros com a diferença na formação de profissionais de saúde: juventudes, sexualidades e gêneros na escola	<i>Saúde e Sociedade</i>	2018	Silva, C. G.; Borba, P. L. O.
28	Understanding parents' concerns about their children with autism taking public school transportation in Los Angeles County	<i>Autism</i>	2018	Angell, A. M.; Solomon, O.
29	The evaluation of vocational programming in secondary school settings: A suggested protocol	<i>Journal of Occupational Therapy, Schools, & Early Intervention</i>	2018	George, J. C.; Seruya, F.

Quadro 1.1 Continuação...

	Título	Periódico	Ano	Autoras(es)
30	Validity of the school setting interview for students with special educational needs in regular high school – a Rasch analysis	<i>Health and Quality of Life Outcomes</i>	2018	Yngve, M.; Munkholm, M.; Lidström, H. Hemmingsson, H.; Ekbladh, E.
31	A social-cognitive intervention program for adolescents with autism: A pilot study	<i>Journal of Occupational Therapy, Schools, & Early Intervention</i>	2018	Cheung, P. P. P.; Siu, A. M. H.; Brown, T.; Yu, M.-L.
32	A systematic review of play-based interventions for students with ADHD: implications for school-based occupational therapists	<i>Journal of Occupational Therapy Schools and Early Intervention</i>	2018	Cornell, H. R.; Lin, T. T.; Anderson, J. A.
33	Centro da juventude em foco: discursos e ações	<i>Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional</i>	2019	Marinho, M. M.; Lopes, R. E.
34	Environmental factors and daily functioning levels among adolescents with executive function deficits	<i>British Journal of Occupational Therapy</i>	2019	Fogel, Y.; Rosenblum, S.; Josman, N.
35	Autism severity, co-occurring psychopathology, and intellectual functioning predict supportive school services for youth with autism spectrum disorder	<i>Autism</i>	2019	Rosen, T. E.; Spaulding, C. J.; Gates, J. A.; Lerner, M. D.
36	A service user perspective informing the role of occupational therapy in school transition practice for high school learners with TBI: An African perspective	<i>Occupational Therapy International</i>	2019	Khuabi, L. A. J. N.; Swart, E.; Soeker, M. S.
37	Participation patterns of adolescents with autism spectrum disorder compared to their peers: Parents' perspectives	<i>British Journal of Occupational Therapy</i>	2019	Lamash, L.; Bedell, G.; Josman, N.
38	Which students need accommodations the most, and to what extent are their needs met by regular upper secondary school? A cross-sectional study among students with special educational needs	<i>European Journal of Special Needs Education</i>	2019	Yngve, M.; Lidström, H.; Ekbladh, E.; Hemmingsson, H.
39	Supporting the participation of youth with physical disabilities: Parents' strategies	<i>British Journal of Occupational Therapy</i>	2019	Killeen, H.; Shahin, S.; Bedell, G. M.; Anaby, D.
40	A intersectorialidade no campo da saúde mental infantojuvenil: proposta de atuação da terapia ocupacional no contexto escolar	<i>Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional</i>	2019	Fernandes, A. D. S. A.; Cis, M. F. B.; Speranza, M.; Copi, C. G.
41	Understanding self-determination as a crucial component in promoting the distinct value of occupational therapy in post-secondary transition planning	<i>Journal of Occupational Therapy, Schools, & Early Intervention</i>	2019	Angell, A. M.; Carroll, T. C.; Bagatell, N.; Chen, C.; Kramer, J. M.; Schwartz, A.; Tallon, M. B.; Hammel, J.

Quadro 1.1 Continuação...

	Título	Periódico	Ano	Autoras(es)
42	Transitioning racial/ethnic minorities with intellectual and developmental disabilities: Influence of socioeconomic status on related services	<i>Career Development and Transition for Exceptional Individuals</i>	2019	Gary, K. W.; Sima, A.; Wehman, P.; Johnson, K. R.
43	Occupational therapy interventions for children and youth with challenges in sensory integration and sensory processing: A school-based practice case example	<i>American Journal of Occupational Therapy</i>	2019	Clark, G. F.; Watling, R.; Parham, L. D.; Schaaf, R.
44	Occupational therapy interventions for children and youth with challenges in sensory integration and sensory processing: A clinic-based practice case example	<i>American Journal of Occupational Therapy</i>	2019	Parham, L. D.; Clark, G. F.; Watling, R.; Schaaf, R.
45	Computerised Handwriting Speed Test System (CHSTS): validation of a handwriting assessment for Chinese secondary students	<i>Australian Occupational Therapy Journal</i>	2019	Li-Tsang, C. W. P.; Li, T. M. H.; Lau, M. S. W.; Lo, A. G. W.; Choco H. Y.; Ho, C. H. Y.; Leung, H. W. H.
46	Loss in services precedes high school exit for teens with autism spectrum disorder: A longitudinal study	<i>Autism Research</i>	2019	Laxman, D. J.; Taylor, J. L.; DaWalt, L. S.; Greenberg, J. S.; Mailick, M. R.

Fonte: *Scopus e Web of Science*, janeiro de 2020.

O Gráfico 1.1 apresenta a quantidade e a distribuição temporal de artigos sobre a temática da terapia ocupacional e sua interface com a escola voltados aos adolescentes/jovens e publicados entre 2001, ano da primeira publicação encontrada, e final de 2019.

Nota-se um início tardio da divulgação científica dos trabalhos de terapeutas ocupacionais concernentes aos adolescentes/jovens e à escola, uma vez que os primeiros textos envolvendo as duas instâncias datam do ano de 1979,²⁰ com um crescimento intenso a partir do ano de 2016. Entretanto, podemos afirmar que é relativamente baixo o número de textos voltados às juventudes: das 235 publicações referentes à interface ‘terapia ocupacional e escola’, apenas 46 publicações se voltam a esse público, o que equivale a 20% do total. Isso indica que esse recorte geracional não tem se revelado como uma preocupação para o campo de estudos e de práticas do terapeuta ocupacional. Mas ainda que reconheçamos tratar-se de uma generalização que toma como refe-

²⁰ Pereira (2018), Souza, Borba e Lopes (2020).

rência somente as fontes de dados que utilizamos, tais fontes são significativas para um determinado recorte do mundo acadêmico.

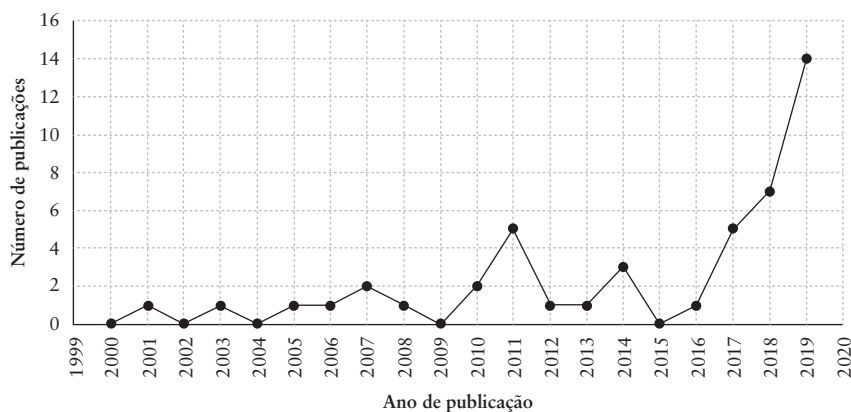


Gráfico 1.1 Número de publicações sobre terapia ocupacional, escola e juventude distribuídas de acordo com o ano de publicação.

Fonte: Scopus e Web of Science, janeiro de 2020.

A Tabela 1.1 ilustra a quantidade e a distribuição de textos selecionados por periódico de publicação.

Tabela 1.1 Número de textos por periódico.

Periódico	Número	%
<i>American Journal of Occupational Therapy</i>	8	17,3
<i>Journal of Occupational Therapy, Schools, & Early Intervention</i>	7	15,2
<i>Australian Occupational Therapy Journal</i>	4	8,7
<i>British Journal of Occupational Therapy</i>	3	6,5
<i>Occupational Therapy Practice</i>	3	6,5
<i>Saúde e Sociedade</i>	2	4,4
<i>Autism</i>	2	4,4
<i>Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional</i>	2	4,4
<i>Occupational Therapy Internacional</i>	2	4,4
Outros	13	28,2
Total	46	100

Fonte: Scopus e Web of Science, janeiro de 2020.

Dos 22 periódicos diferentes, a Tabela 1.1 nos revela uma concentração de publicações no *American Journal of Occupational Therapy* –

AJOT, com oito trabalhos, e no *Journal of Occupational Therapy, Schools & Early Intervention*, com sete trabalhos publicados, seguido pelo *Australian Occupational Therapy Journal*, com quatro publicações. Além desses, destacam-se outros dois periódicos que reuniram três textos, e quatro periódicos que publicaram dois textos, sendo que a categoria ‘outros’ reuniu 13 periódicos que publicaram apenas um texto.

Em relação às autorias, constatou-se 140 autores e coautores diferentes, sendo que duas autoras publicaram três textos, 11 autoras publicaram dois e 127 autoras publicaram apenas um texto, o que significa que 89% deles aparece somente com um trabalho publicado. Isso demonstra tratar-se de um campo científico em construção, na medida em que prevalecem as experiências pontuais, sem uma tradição de pesquisadores que estudem por anos o mesmo objeto.

No Gráfico 1.2, pontuam-se os países de origem dos primeiros autores das 46 publicações analisadas, conforme a instituição a que se filiavam.

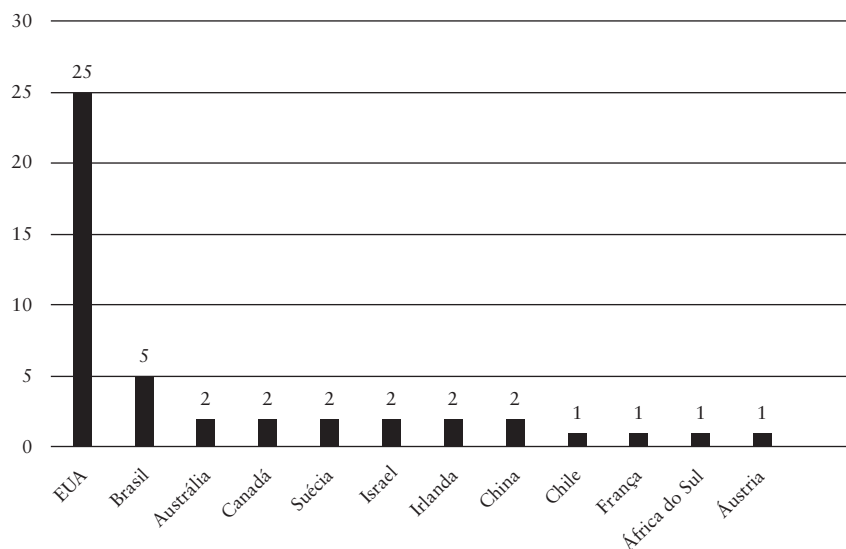


Gráfico 1.2 Países das instituições de vinculação dos primeiros autores.

Fonte: *Scopus* e *Web of Science*, janeiro de 2020.

Destacam-se os Estados Unidos da América, cujas instituições possuem vínculos com 54% dos primeiros autores das publicações reu-

nidas, seguido pelo Brasil, com 10,9%. De acordo com pesquisa de Lopes e colaboradoras,²¹ dedicada à análise do panorama das produções científicas na interface “terapia ocupacional e escola” como um todo, esse pioneirismo reafirma a liderança dos EUA que também foi observada neste panorama geral, com 136 de 235 primeiros autores vinculados a instituições do país, o equivalente a 57%. No caso das publicações de autores filiados a instituições brasileiras, esse destaque se dá apenas no recorte ‘terapia ocupacional’, ‘escola’ e ‘juventude’. Ainda sobre os EUA, há que se considerar diversos elementos que justificam sua expressividade nesses cenários, mas o seu protagonismo quanto à regulamentação da terapia ocupacional no setor da educação, que reúne 21,6% da categoria profissional,²² certamente impacta nesse resultado.

Nesse grupo de publicações, realizamos também uma categorização dos textos a partir do termo pelo qual seus autores nomearam o público de interesse. Assim, constatamos que 17 textos optam pela palavra ‘estudantes’, 15 optam por ‘adolescentes’, 11 por ‘jovens’, um por ‘adolescente’/ ‘jovem’, um por ‘criança’/ ‘criança em risco’ e um outro por ‘cliente’. Muitas dificuldades foram encontradas para essa tarefa, como o fato de a maioria não adotar a terminologia ‘adolescentes’ e/ou ‘jovens’ (ou correlatas), mas sim ‘estudantes’ de forma mais genérica, sem definir a faixa etária. Nesses casos, recorreremos à busca pelo nível e pela fase de ensino. Ademais, considerando os descritores utilizados, observamos o termo ‘crianças’, ‘pediatria’ ou correlatos, que pode se referir a uma questão cultural muito singular dos EUA, principalmente, de onde provém a maior parte dos textos, dado ser usual a utilização da expressão ‘kids’ para se referir aos adolescentes/jovens.

A escolha pela nomeação utilizada explícita, em alguma medida, o referencial teórico a que se filiam os autores, sendo que o uso do termo ‘adolescente’ se relaciona aos estudos do campo da psicologia sob a égide desenvolvimentista cunhada principalmente pelos trabalhos de Stanley Hall, dos EUA, e Maurice Debesse, da França. Ambos se debruçaram sobre os processos intrínsecos transversais a todas as pessoas na fase da adolescência, entendendo-a como uma etapa evolutiva natural e homogênea aos seres humanos, de maturação biopsicossocial do indivíduo.²³ Já a utilização do termo ‘juventude’ está filiada, segundo

21 Lopes *et al.* (2019).

22 Souza, Borba e Lopes (2020) e Chandler e Chandler (2013).

23 César (1998).

Magnani,²⁴ a uma perspectiva desenvolvida pelas ciências sociais, tanto por estudos sociológicos quanto antropológicos, trazendo uma preocupação em localizar essa geração em um dado contexto histórico, político e social.

Conforme a leitura e a categorização dos 46 artigos, fica evidente que utilizam o termo ‘adolescente’ aqueles autores que dialogam mais com as ciências da saúde, vinculadas a uma tradição biomédica e clínica, notadamente, os textos voltados ao público com deficiências ou ao campo que correlaciona os processos de saúde-doença. Por sua vez, os textos que utilizam o termo ‘jovem’ constroem seu referencial teórico apoiados nos estudos sociológicos e se dedicam a temáticas como a pobreza, o refúgio, a violência, entre outras. Mas há também aqueles, em maior número, que usam a palavra ‘estudante’, ressaltando o fato de o público estar na escola, o que torna mais fugidia a faixa etária/geração à qual pertence o seu público. Buscam, assim, dialogar com a condição geral posta ao ‘estudante’, dentre tais textos se destacam as pesquisas mais ligadas à descrição dos recursos utilizados ou à avaliação da prática profissional.

Não obstante, seja adolescente, jovem ou estudante, nossa análise compreensiva permitiu visualizar três grandes demandas a que os terapeutas ocupacionais têm tentado responder a partir de seus estudos, tematizadas nos eixos: (1) Escola, terapia ocupacional e a inclusão de adolescentes com deficiência na escola, (2) Escola, terapia ocupacional e saúde mental e (3) Escola, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social e a terapia ocupacional. São esses eixos que estruturam a discussão que se segue.

1. ESCOLA, TERAPIA OCUPACIONAL E A INCLUSÃO DE ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA

Dos 46 trabalhos²⁵ levantados para análise, 22 textos²⁶ têm como foco a discussão e a problemática da inclusão escolar de adolescentes e de jovens com deficiência nas escolas. Tais trabalhos trazem propo-

24 Magnani (2005).

25 Nesta seção, optamos por indicar entre parênteses os números correspondentes aos textos referenciados e que integram a revisão, tal como listados no Quadro 1.1 anteriormente apresentado. Exemplo: “(14)” indica o texto da 14ª linha do Quadro 1.1, *Oficinas de atividades com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional*.

26 São eles: (2), (3), (4), (8), (9), (10), (11), (19), (20), (23), (24), (29), (30), (34), (36), (38), (39), (41), (42), (43), (44) e (45).

sições, pesquisas e estudos que apontam a terapia ocupacional como uma profissão importante para lidar com as questões que aparecem em torno de adolescentes e de jovens com deficiência, bem como a permanência desses sujeitos nos espaços escolares.

Há que se destacar a presença significativa de 11 textos²⁷ desse eixo que reúnem pesquisas e experiências relativas aos trabalhos ditos de ‘transição’ realizados por terapeutas ocupacionais. Trata-se de um campo de atuação profissional relevante, com expressiva contratação de terapeutas ocupacionais e, portanto, com uma produção significativa que informa, por exemplo, como se pode desenvolver o trabalho com adolescentes e jovens com deficiência (11), quais recursos têm se demonstrado exitosos para intervenções terapêutico-ocupacionais, como se dá o trabalho colaborativo com as famílias (9), e até mesmo um trabalho de pesquisa do Chile (20), o único desta categoria que coloca ênfase no ‘contexto’ e, mais especificamente, no uso de linguagem discriminatória na escola para se referir a crianças e a jovens com deficiência.

No caso deste último, os autores tomam como referência estudos que pontuam como a interação comunicativa através da linguagem pode criar realidades, formar identidades e proporcionar desigualdades, dando margem a ações discriminatórias, a processos de segregação que podem ser reproduzidos nos espaços da escola. Assim, orientados pelo referencial da ciência ocupacional, consideram que a terapia ocupacional tem a responsabilidade de eliminar situações de ‘apartheid ocupacional’, promovendo ‘justiça ocupacional’ em lugares onde a discriminação ocorre, pela modificação de barreiras sociais para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

2. ESCOLA, TERAPIA OCUPACIONAL E SAÚDE MENTAL

Apesar de a saúde mental ser uma temática já mundialmente estabelecida no campo da terapia ocupacional, ela aparece mais timidamente quando correlacionada à escola, inclusive no recorte da população juvenil, com a presença de 14 textos²⁸ que descrevem, em sua

27 São eles: (2), (3), (4), (8), (9), (10), (11), (24), (29), (41) e (42).

28 São eles: (5), (6), (7), (12), (22), (25), (26), (28), (31), (32), (35), (37), (40) e (46).

maioria, acompanhamentos individuais realizados por terapeutas ocupacionais dentro da modalidade ‘relato de experiência/estudo de caso’.

Desses 14 textos, seis²⁹ são dedicados a questões que envolvem os jovens com transtorno do espectro autista – TEA, acompanhando uma demanda mundial de incremento de diagnósticos dessa condição.³⁰ Assim, destacam-se os trabalhos dedicados à descrição de abordagens/técnicas baseadas em evidências científicas, à avaliação de um programa sociocognitivo e à compreensão de quais têm sido as ofertas de serviço para esse público, além de dois trabalhos de pesquisa sobre a perspectiva dos pais em relação à participação dos jovens com autismo nas atividades escolares, domiciliares, de lazer e sobre o uso do transporte público.

Há também outros três textos³¹ voltados a jovens com problemas psiquiátricos, dedicados a relatar o processo de retorno à escola depois do primeiro episódio, problematizando o quanto as escolas não estão preparadas para apoiar esse retorno e assinalando os obstáculos nesse processo, como os efeitos colaterais de medicamentos, as dificuldades cognitivas de autoestima e o medo do fracasso.

Já o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade – TDAH, outra demanda conhecida no setor da educação, foi tema de apenas dois textos, sendo um deles uma revisão sistemática sobre os espaços de brincar para adolescentes com esse diagnóstico na escola (32) e o outro, uma investigação sobre a eficácia do uso de um tipo de sistema de assento dinâmico, o ‘*Disc ‘O’ Sittcushion*’, para melhorar a atenção na execução de tarefas entre estudantes do ensino médio com dificuldades de atenção (7).

3. ESCOLA, ADOLESCENTES E JOVENS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL E A TERAPIA OCUPACIONAL

Do total de textos, 10³² são referentes aos adolescentes e aos jovens em situação de vulnerabilidade social. O artigo mais antigo do conjunto de todos os textos desta revisão é um ensaio reflexivo de Robbins

29 São eles: (22), (26), (28), (31), (37) e (46).

30 Centers for Disease Control and Prevention (CDC) ([2020] 2021). Disponível em: <https://news.psu.edu/story/363374/2015/07/21/research/increasing-prevalence-autism-due-part-changing-diagnoses>. Acesso em: jul. 2020.

31 São eles: (5), (12) e (25).

32 São eles: (1), (13), (14), (15), (16), (17), (18), (21), (27) e (33).

(1) voltado à prevenção da violência nas escolas e as possíveis implicações disso para a terapia ocupacional, tomando como foco a discussão de métodos para promover a conscientização e a prevenção.

Outro ensaio reflexivo (18), de autores estadunidenses, aborda a evasão escolar de jovens estudantes do ensino médio e como a terapia ocupacional poderia contribuir com essa questão, na articulação da escola com os jovens para o retorno escolar. Ademais, sugerem a criação de programas que possam engajar, que sejam significativos e que envolvam atividades desafiantes para permitir e para fomentar a permanência no espaço escolar.

Nos quatro textos do Brasil,³³ nota-se que, de uma forma geral, as produções reúnem esforços tanto para aprofundar e apreender as necessidades e as demandas dos jovens advindos das classes populares, quanto para criar e para avaliar as intervenções dos terapeutas ocupacionais, destacando-se o uso de recursos e de tecnologias sociais, em especial, as denominadas *Oficinas de atividades, dinâmicas e projetos*³⁴ e/ou *Oficinas da diferença* (27), tomando como base, principalmente, a pedagogia freiriana.³⁵

Já os trabalhos irlandeses³⁶ descrevem um serviço de apoio que busca responder às necessidades dos estudantes com dificuldades sociais, emocionais e comportamentais (*Social, Emotional and Behavioural Difficulties* – SEBD) em três níveis de ações: um envolvendo toda a comunidade escolar, outro envolvendo grupos de estudantes e o terceiro que se volta para o indivíduo e sua família.

Por fim, há dois trabalhos mais pontuais de pesquisa: um (13), realizado na Austrália, consiste na descrição e discussão de um programa de terapia ocupacional voltado a adolescentes refugiados, a fim de facilitar a participação desse público no espaço escolar. Com três ciclos de ações em escolas de bairros pobres, nesse trabalho passa-se de uma perspectiva de oferta de tarefas mais individualizadas nas salas de aula para ações mais grupais. Já o segundo trabalho (17) resulta de uma cooperação entre universidades dos EUA e da África do Sul, dedicando-se à apreensão das perspectivas de carreira profissional que têm os jovens estudantes, identificando suas barreiras e as implicações

33 São eles: (14), (16), (27) e (33).

34 Trata-se dos textos (14), (16) e (33).

35 Freire (2005).

36 São eles: (15) e (21).

do que denominam ‘privação ocupacional’, pontuando as diferenças entre gêneros como limitadoras de possibilidades para as meninas.

“ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ENCONTROS E CAMINHOS”

No que diz respeito diretamente ao público juvenil, fica patente como esse público, apesar de ser um grupo etário – numericamente – importante e com questões com as quais os terapeutas ocupacionais podem contribuir, não alcançou um lugar de reconhecimento desses profissionais no que concerne ao trabalho desenvolvido junto às escolas. No já referido estudo mais geral,³⁷ os trabalhos dedicados à juventude correspondem a 19% do total reunido na interface “terapia ocupacional e escola”, sendo que, no que tange às crianças ou à infância, esse percentual é de 81%, ou seja, este tem sido o público para o qual se voltam majoritariamente os terapeutas ocupacionais, mesmo quando o centro da discussão se desloca para a formação profissional mais especificamente, totalizando, nesse caso, 4,2% dos textos.

Podemos afirmar também que a produção dos terapeutas ocupacionais está mais dedicada a comunicar experiências e resultados de estudos que se voltam para os recursos/abordagens para o enfrentamento da permanência dos jovens no sistema escolar, sendo que alguns poucos lidam com a questão da aprendizagem efetiva, indicando a premissa de que, entre os terapeutas ocupacionais, o acesso e a permanência resolveriam os dilemas relativos a adolescentes e jovens, no que tange à escolarização. A inclusão escolar como meio e fim.

Todavia, independentemente do foco de atenção priorizado em torno da universalização da educação ou de uma educação verdadeiramente inclusiva, parece-nos necessário indicar a relativa invisibilização da juventude no âmbito da terapia ocupacional. A que será que isso se deve? Se a educação é um direito fundamental instituído mundialmente, tal como as crianças, os adolescentes e os jovens que não têm acesso a ela, que não permanecem nas escolas e/ou que não aprendem precisam de apoio técnico para fazê-lo, e os terapeutas ocupacionais podem contribuir, como nos casos que apresentamos aqui.

³⁷ Lopes *et al.* (2019).

É reconhecida pela literatura toda uma carga de preconceito que foi atrelada a essa fase da vida,³⁸ mas para além do preconceito que inviabilizaria as ações de cuidado a esse público, abre-se outro questionamento: dado que a literatura ou o conhecimento no campo escolar, quando relacionado à terapia ocupacional, é significativamente voltada às questões que envolvem a deficiência, pode-se aventar que esses jovens não estão conseguindo avançar na sua trajetória de escolarização? Ou ainda, será que se poderia afirmar que o direito fundamental do acesso à educação está sendo violado para esse público? Nem para eles, jovens com deficiência, alguma inclusão escolar?

Nos EUA, país que reúne 54% das publicações e no qual se destaca todo um trabalho envolvendo a saída dos jovens do sistema escolar, não podemos negar os grandes avanços em termos legais para que o público com deficiência possa estar nas escolas e para que se beneficie dos processos de escolarização. Contudo, apesar de maioria no recorte específico do público juvenil, esses trabalhos ainda são minoritários no conjunto de pesquisas que envolvem “terapia ocupacional e escola”. Somma-se a isso o fato de que a realidade ali vivida é pouco partilhada por outras realidades de jovens com deficiência no mundo, haja vista a desigualdade na garantia das políticas públicas voltadas à inclusão escolar.³⁹

Em outra direção, mas tratando, igualmente, do enfrentamento de situações de desigualdade, é importante pontuar os textos dedicados ao público juvenil em situação de vulnerabilidade social, tanto do grupo brasileiro quanto do grupo irlandês. Em ambos, destacam-se as abordagens que transitam entre as ações mais coletivas/grupais e mais individuais, bem como ações em diferentes instâncias do setor da educação articuladas à comunidade escolar.

O grupo brasileiro, do qual fazemos parte, tem eleito os jovens populares urbanos e a escola pública como elementos centrais de uma produção prática e teórica.⁴⁰ Essa escolha foi feita propositadamente, uma vez que a escola é entendida como uma instância estratégica para promover e para ampliar projetos e possibilidades de vida para os jovens pobres.⁴¹ Contudo, a inserção profissional de terapeutas ocupacionais no setor da educação no Brasil é ainda muito incipiente, ao contrário da experiência dos colegas irlandeses, cujo projeto piloto iniciado em 2005

38 Berni e Roso (2014).

39 Ainscow, Booth e Dyson (2006).

40 Pan e Lopes (2020).

41 Lopes e Silva (2007).

e desenvolvido em parceria com o Departamento Nacional de Educação resultou na contratação de terapeutas ocupacionais para o setor.⁴²

Ainda sobre a questão do lugar institucional do terapeuta ocupacional no setor da educação, essa informação infelizmente é diminuta mesmo com a leitura na íntegra dos artigos que compuseram esta revisão. Entretanto, pode-se afirmar que, novamente, foi nos EUA que mais se avançou na inserção desses profissionais nesse âmbito, por diferentes vias institucionais (pelos órgãos municipais e estaduais do setor de educação, pela clínica de reabilitação que oferta apoio a determinada escola) ou pela contratação do serviço pela própria escola (especialmente no setor privado da educação) ou diretamente pelos pais da criança ou do jovem.

Quanto menores as possibilidades de inserção profissional, menores serão as experiências e, consequentemente, o que delas poderia advir em termos de produção e de divulgação de conhecimento, por meio, inclusive, de publicações. Para romper com esse ciclo, é preciso atuar em duas frentes: uma de organização política junto às instâncias sociais para que se possa defender a importância das contribuições profissionais e fomentar a sua inserção, e outra para avolumar e para divulgar um conjunto de experiências junto aos jovens nas escolas, a fim de que se agreguem subsídios teórico-práticos que ofereçam melhores contornos para essa inserção profissional.

“SEGUIMOS...”

Apesar de nossos esforços de pesquisa e de buscas por respostas referentes às demandas contemporâneas juvenis frente aos dados alarmantes dos jovens ‘*out of school*’ em boa parte do mundo, como trazido em nossa introdução, permanece o impacto que nos causa a reduzida gama de proposições que circulam na literatura científica da terapia ocupacional dedicada à temática.

Entretanto, verifica-se neste estudo que a sistematização dos artigos por meio do levantamento da literatura possibilitou certo alcance de informações acerca das produções dos terapeutas ocupacionais, bem como a visualização das discussões e das reflexões traçadas em suas interfaces com a escola e com os adolescentes/jovens.

42 Fitzgerald e Mac Cobb (2017).

Reconhecemos as limitações postas por este estudo, uma vez que provê reflexões a partir de artigos extraídos de duas bases de dados que são relevantes para o meio acadêmico, mas restritas no que tange aos interesses profissionais. Nesse sentido, seguimos criando e divulgando outras propostas que possam revelar os trabalhos desenvolvidos pelos terapeutas ocupacionais e que não estão circulando nas bases indexadas, notadamente, com a realização de encontros, eventos locais, nacionais e internacionais, mas também com a produção de livros como este e outros.

Portanto, pontua-se a necessidade de novas pesquisas que informem práticas que ampliem o público destinatário da atenção, em especial, para os jovens com ou sem deficiência, assim como as abordagens interventivas, de forma que possamos melhor configurar as nossas contribuições para os serviços no setor da educação e caminhar em direção a uma escola pautada por uma inclusão radical, na acepção de que todos possam desfrutar e ser agentes criadores de cultura e vivenciar e promover a justiça social.

REFERÊNCIAS

- AINSCOW, M.; BOOTH, T.; DYSON, A. *Improving schools, developing inclusion*. Nova York: Routledge, 2006.
- ARAÚJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais [Bibliometrics: historical evolution and current issues]. *Em Questão*, v. 12, n. 1, p. 1-32, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/16>. Acesso em: 13 dez. 2021.
- BARROS, D. D.; GHIRARDI, M. I. G.; LOPES, R. E. Terapia ocupacional e sociedade. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 10, n. 2/3, p. 69-74, 1999.
- BARROS, D. D.; GHIRARDI, M. I. G.; LOPES, R. E. Terapia ocupacional social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 13, n. 3, p. 95-103, 2002.
- BARROS, D. D.; LOPES, R. E.; GALHEIGO, S. M. Terapia Ocupacional Social: concepções e perspectivas. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. (org.). *Terapia Ocupacional: fundamentação & prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 347-353.

BARROS, D. D. *et al.* Research, community-based projects, and teaching as a sharing construction: the Metuia Project in Brazil. *In*: KRONENBERG, F.; POLLARD, N.; SAKELLARIOU, D. (orgs.). *Occupational Therapies without borders: towards an ecology of occupation-based practices*. Londres: Churchill Livingstone, 2011. v. 2, p. 321-327.

BERNI, V. L.; ROSO, A. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 1, p. 126-136, 2014.

BORBA, P. L. O. *Relatório do estágio de pós-doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos. Laboratório METUIA: UFSCar: CAPES/PNPD, 2020. 123 f.

BORBA, P. L. O. *et al.* Occupational therapy research in schools: a mapping review. *Occupational Therapy International*, v. 2020, p. 1-9, 2020.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). *Autism prevalence rises in communities monitored by CDC*. 2020. Disponível em: <https://www.cdc.gov/media/releases/2020/p0326-autism-prevalence-rises.html>. Acesso em: 26 jul. 2021.

CÉSAR, M. R. A. *A invenção da “adolescência” no discurso psicopedagógico*. 1998. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

CHANDLER, B. E. History of Occupational Therapy in the schools. *In*: CLARK, G. F.; CHANDLER, B. E. (orgs.). *Best practices for Occupational Therapy in schools*. Bethesda: AOTA Press, 2013.

FARIAS, M. N. *Jovens rurais de São Carlos-SP: circulação cotidiana, projetos de vida e sentidos da escola*. 238 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

FERREIRA JUNIOR, A.; BITTAR, M. A ditadura militar e a proletarização dos professores. *Educação & Sociedade*, v. 27, n. 97, p. 1159-1179, 2006.

FITZGERALD, B.; MAC COBB, S. An occupational therapy and teaching partnership: applying a scholarship of practice model. *Occupational Therapy in Health Care*, v. 31, n. 3, p. 270-282, 2017.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOUGH, D. The Evidence for Policy and Practice Information and Co-ordinating (EPPI) Centre, United Kingdom. *In*: ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). *Evidence in Education: Linking Research and Policy*, 2007. doi: 10.1787/9789264033672-5-em.

GRANT, M. J.; BOOTH, A. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information & Libraries Journal*, v. 26, n. 2, p. 91-108, 2009. doi:10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x.

KÄMPER, J. Back to school? Occupational therapy in a project for school truants and dropouts. *Ergotherapie und Rehabilitation*, v. 49, n. 5, p. 8-12, 2010.

LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. Traçados teórico-práticos e cenários contemporâneos: a experiência do METUIA/UFSCar em terapia ocupacional social. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (org.). *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 297-305.

LOPES, R. E.; SILVA, C. R. O campo da educação e demandas para a terapia ocupacional no Brasil. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 18, n. 3, p. 158-164, 2007.

LOPES, R. E. et al. *Educação, inclusão escolar e terapia ocupacional: perspectivas e produções de terapeutas ocupacionais em relação à escola*. UFSCar: Laboratório METUIA – Departamento de Terapia Ocupacional: CNPq. Relatório parcial de pesquisa, 2019.

MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*, v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000200008>.

PAN, L. C. *Entrelaçando pontos – de fora para dentro, de dentro para fora: ação e formação da terapia ocupacional social na escola pública*. 243 f. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

PAN, L. C.; LOPES, R. E. Terapia ocupacional social na escola pública: uma análise da produção bibliográfica do METUIA/UFSCar. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 28, n. 1, p. 207-226, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2526-89102020005003202&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 6 abr. 2020.

PEREIRA, B. P. *Terapia Ocupacional e Educação: as proposições de terapeutas ocupacionais na e para a Escola*. 245 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

SOUZA, J. R. B. *Terapia Ocupacional na Educação: composição e delineamentos do campo profissional*. 242 f. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

SOUZA, J. R. B.; BORBA, P. L. O.; LOPES, R. E. Caminhos históricos da regulamentação dos *school-based occupational therapists* nos Estados Unidos da América. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 28, n. 2, p. 467-484,

2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2526-89102020000200467&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 nov. 2020.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). *New methodology shows that 258 million children, adolescents and youth are out of school* [Novas metodologias demonstram que 258 milhões de crianças, adolescentes e jovens estão fora da escola]. 2018. Disponível em: <http://uis.unesco.org/sites/default/files/documents/new-methodology-shows-258-million-children-adolescents-and-youth-are-out-school.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2021.